

OBJETIVISMO/SUBJETIVISMO EM ARTIGOS CIENTÍFICOS DAS DIFERENTES ÁREAS: A HETEROGENEIDADE DA ESCRITA ACADÊMICA

Ângela Francine FUZA*

- **RESUMO:** A existência do discurso que postula a homogeneização da escrita acadêmico-científica no processo de constituição do texto é a problemática que desencadeou esta pesquisa. Nesse sentido, o objetivo deste estudo é analisar artigos científicos brasileiros de periódicos A1 das diferentes áreas do conhecimento a partir dos elementos que constituem os gêneros, forma composicional, estilo e temática, delimitando aspectos que tendem ao objetivismo e ao subjetivismo nos textos. O trabalho se pauta nos pressupostos dialógicos do Círculo de Bakhtin, no tocante aos gêneros, ao objetivismo e subjetivismo, e nas pesquisas desenvolvidas segundo os princípios dos Novos Estudos do Letramento. Os resultados apontam que: a) todo enunciado é constituído de elementos subjetivos e objetivos; b) os aspectos que evidenciam objetividade e subjetividade marcam-se predominantemente na forma composicional (e arquitetônica) e no estilo dos textos, em diálogo com a temática; c) os artigos das diferentes áreas se assemelham, ao tratar de elementos que tendem à objetividade, como forma composicional e recursos linguísticos; d) os artigos diferem quando apresentam aspectos que, embora estejam na materialidade verbal, encontram significação no contexto extraverbal, perpassando a subjetividade, como escolha temática; variação no número de autores no texto etc.; e) a existência de nuances de objetividade e de subjetividade permite caracterizar a escrita nas áreas de forma heterogênea.
- **PALAVRAS-CHAVE:** Objetivismo. Subjetivismo. Escrita acadêmica. Artigo científico.

Introdução

A escrita acadêmico-científica tem sido um tema amplamente discutido no meio acadêmico por pesquisadores do campo dos estudos da linguagem em seus vários âmbitos e perspectivas metodológicas. Dentre as pesquisas, encontram-se aquelas que evidenciam a dificuldade da comunidade acadêmica em produzir gêneros solicitados nesse campo, uma vez que, em muitos casos, não há definição para a prática de produção

* Universidade Federal do Tocantins (UFT), Câmpus de Porto Nacional, Porto Nacional – TO - Brasil. Professora Permanente do Programa de Pós-Graduação em Letras. angelaфуza@uft.edu.br.

escrita, ou seja, parte-se do pressuposto de que suas convenções são iguais para todos os escritores (LILLIS, 1999), o que pode ocasionar a homogeneização da escrita. Além disso, ao tratar da escrita acadêmica, há uma visão de que as convenções que fazem parte do senso comum são transparentes para quem participa da comunidade acadêmica e para quem intenta entrar nela (LILLIS, 1999).

Essas posturas no trabalho com a escrita de gêneros acadêmicos, como os artigos científicos, recaem nos moldes do letramento autônomo (STREET, 1984) e no modelo da socialização acadêmica proposto por Lea e Street (2014). A língua, diante de tal postura homogeneizadora, passa a ser concebida, segundo os princípios do subjetivismo idealista¹ e do objetivismo abstrato (BAKHTIN; VOLOCHINOV, 1992), como um sistema estável, um depósito inerte, sem considerar fatores externos à comunicação.

Diante dessa problemática, este estudo concebe a língua em sua natureza social (BAKHTIN; VOLOCHINOV, 1992) e os discursos constituídos por meio de normas e de restrições, perpassados por questões discursivas do enunciado².

Sendo assim, este texto³ objetiva analisar artigos científicos das diferentes áreas do conhecimento, discutindo a heterogeneidade da escrita⁴ a partir dos elementos que constituem os gêneros, forma composicional, estilo e temática. Para tanto, este estudo, de natureza qualitativa-interpretativista, focaliza artigos de periódicos nacionais A1 das diferentes áreas do conhecimento – Ciências Humanas, Ciências Exatas e da Terra, Ciências da Saúde, Ciências Sociais, Engenharias, Linguística, Letras e Artes – coletados por meio de pesquisa ao sistema *WebQualis*⁵. Em outros termos, pretende-se, seguindo ainda aqui a problematização sobre a homogeneidade da escrita acadêmica, examinar como a questão do objetivismo/subjetivismo está presente nos artigos, evidenciando-a como elemento que permite tratar da escrita heterogeneamente.

¹ Opta-se por utilizar o termo “subjetivismo idealista”, muito embora haja, conforme Rodrigues (2001), problemas de denominação dessa orientação linguística. Para a autora, em *Marxismo e filosofia da linguagem*, têm-se duas denominações para a mesma orientação: “subjetivismo idealista” e “subjetivismo individualista”. Já em *Les frontières entre poétique et linguistique* (BAKHTIN; VOLOSHINOV, 1981), o termo utilizado é “subjetivismo individualista” (RODRIGUES, 2001, p. 13).

² Com base em Bakhtin (2002), os *discursos* são “a língua em sua integridade concreta e viva e não a língua como objeto específico da linguística, obtido por meio de uma abstração absolutamente legítima e necessária de alguns aspectos da vida concreta do discurso” (BAKHTIN, 2002, p. 181). As questões discursivas não se restringem ao âmbito meramente linguístico do enunciado, mas também ao contexto enunciativo de realização, considerando o extraverbal.

³ Texto baseado nas investigações que compõem a tese de Doutorado da autora (FUZA, 2015), que trata de outras discussões sobre a heterogeneidade da escrita acadêmica.

⁴ Assim como em Fuza (2015), neste texto, a noção de heterogeneidade está fundamentada originalmente nos estudos de Bakhtin e Bakhtin/Volochinov. O autor trata da natureza dialógica da linguagem e da heterogeneidade instituída enquanto propriedade sua. Os enunciados não apresentam um fim absoluto ou uma conclusão definitiva, havendo o princípio da “inconclusividade”, da preservação da heterogeneidade (BAKHTIN, 2002). Corrêa (2004, 2006) defende o modo heterogêneo de constituição da escrita – o que justifica tratar neste texto a escrita acadêmico-científica como heterogênea e não como uma prática homogênea. Aborda-se, então, a heterogeneidade *da* escrita e não *na* escrita, de acordo com Corrêa (2004), pois a heterogeneidade é entendida como algo inerente à própria prática.

⁵ Trata-se de uma plataforma (<https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/index.jsf>), disponibilizada pela CAPES (www.capes.gov.br), que permite a classificação de periódicos que representam a produção intelectual dos programas de pós-graduação brasileiros de todas as áreas do conhecimento.

Como aporte teórico, a pesquisa se pauta na abordagem dialógica de análise da língua, tratada por Bakhtin (2003) e Bakhtin e Volochinov⁶ (1992), no tocante ao dialogismo, aos gêneros, ao objetivismo e ao subjetivismo, e nas pesquisas desenvolvidas segundo os princípios dos Novos Estudos do Letramento.

Como aspecto teórico-metodológico, este estudo se fundamenta nos pressupostos do Círculo de Bakhtin especificamente quanto aos gêneros discursivos. Na análise, um artigo de cada área foi selecionado e foram percebidas regularidades enunciativo-discursivas voltadas principalmente aos níveis composicional e estilístico do gênero artigo científico, com destaque ainda para a temática. Nos âmbitos composicional e estilístico, especificamente, foram constatados aspectos que demarcaram proximidades e diferenças entre os textos das áreas, o que possibilita tratar da homogeneidade e da heterogeneidade da escrita, conforme se delinea na seção de Metodologia.

Este texto, vinculado aos grupos de pesquisa: *Práticas de letramento acadêmico-científicas: a constituição dos discursos escritos* (UFT), discorre, primeiramente, a respeito da questão da heterogeneidade e homogeneidade dos gêneros discursivos e sobre o objetivismo e subjetivismo na escrita científica. Na sequência, destaca a seção metodológica, a análise dos dados observados e os resultados e as discussões.

Gêneros discursivos: aspectos homogêneos e heterogêneos

Bakhtin (2003) afirma que os limites de cada enunciado são definidos pela alternância dos sujeitos do discurso, pois “[...] as palavras podem entrar no nosso discurso a partir de enunciações individuais alheias, mantendo, em menor ou maior grau, os tons e ecos dessas enunciações individuais.” (BAKHTIN, 2003, p. 293). A linguagem tem um papel fundador na construção da singularidade dos sujeitos e na construção das suas marcas de pertencimento a grupos sociais (GOULART, 2006). Essa premissa pode ser constatada no âmbito acadêmico-científico, pois as áreas de conhecimento apresentam marcas de suas comunidades científicas, verificadas por meio de seus periódicos e de seus artigos. Com isso, a escrita acadêmica é concebida em sua diversidade e não em sua unidade.

Ao conceber a linguagem como um processo dialógico, o discurso se manifesta por meio de textos e estes se organizam dentro de determinados gêneros discursivos. Bakhtin (2003, p. 262) define três elementos que configuram o gênero: o conteúdo temático, o estilo, a construção composicional: “[...] todos estes três elementos estão indissolúvelmente ligados no todo do enunciado e são igualmente determinados pelas especificidades de um determinado campo da comunicação [...]”.

⁶ Para Faraco (2009, p. 12), há “uma generalizada confusão quanto à autoria” dos textos do Círculo de Bakhtin. Seguem-se, assim, três direções diferentes: “1) reconhecendo como textos de Bakhtin somente aqueles publicados sob seu nome; b) atribuindo todas as publicações a Bakhtin; c) incluindo os dois nomes na autoria.” (OHUSCHI, 2013, p. 25). Neste estudo, considera-se esta última aceção, opção também utilizada no Grupo de Pesquisa *Interação e Escrita*, por isso, ao se referir à obra *Marxismo e filosofia da linguagem*, cita-se Bakhtin/Volochinov (1973).

Bakhtin e Volochinov (1992, p. 128) postulam o tema como “expressão de uma situação histórica concreta que deu origem à enunciação”, ou seja, ele é determinado não só pelas formas linguísticas, mas também por elementos não verbais da situação, como a ideologia. De modo geral, o tema designa os sentidos nascidos da interação dialógica, vinculado aos “recortes ideológicos da realidade” (SOBRAL, 2009, p. 76), e o “sentido assumido pelo discurso numa situação concreta e única de interação verbal” (CEREJA, 2005, p. 203).

Para Sobral (2009), a forma do gênero pode ser compreendida como a materialidade do texto (forma composicional) e como a superfície discursiva, ou seja, o modo como material e conteúdo são articulados (forma arquitetônica). Esta é imbuída de valores ético-morais, de objetivos, que condicionam, por exemplo, a relação com o interlocutor e a forma composicional (SANCHES, 2009).

Conforme Brait (2012), o estilo reflete o juízo de valor que o sujeito possui sobre o tema, considera experiências anteriores e aquilo que os outros sujeitos poderão dizer sobre esse tema. Bakhtin (2003) postula que a impossibilidade da impressão do estilo pessoal ofusca a visão de seu enunciador porque o estilo é o elemento que melhor explicita seu enunciador e está fundamentalmente conectado ao tema, pois o estilo é indissociável das unidades temáticas. Sua materialização se dá claramente pelas escolhas linguísticas que são feitas pelo enunciador com vistas ao seu interlocutor e ao tema em pauta.

Em diálogo com as teorias bakhtinianas, Côrrea (2004, 2013b) aborda os aspectos homogêneos e heterogêneos dos gêneros discursivos. No primeiro caso, há uma forte tendência no foco verbal e composicional do texto, enquanto a heterogeneidade ultrapassa tais limites (CORRÊA, 2013a) e abrange o “contexto extraverbal” (VOLOCHINOV; BAKHTIN, 1976), isto é, os “presumidos” (CORRÊA, 2011, p. 394) que acompanham o uso da palavra, como “a temática em que o gênero se inclui, o quadro institucional em que é produzido e as perspectivas que, de fora do texto, o orientam [como o acabamento do interlocutor]”. Estes ultrapassam uma interpretação pragmática restrita para alcançarem “uma dimensão sócio-histórica que escapa à transparência do estritamente linguístico” (CORRÊA, 2013b, p. 496).

Em *Reflexão teórica e ensino da escrita*, Corrêa (2013b) discute as “oposições entre “verbal” + “extraverbal” (e seu correlato: “presumido social” (VOLOCHINOV; BAKHTIN, 1976)), por um lado, e “aspectos ocultos do letramento” (STREET, 2009), por outro” (CORRÊA, 2013b, p. 494).

A menção ao termo letramento oculto vem de longa data nos trabalhos de Street (2009, 2010). O autor se ocupou das dimensões escondidas advindas das avaliações da escrita acadêmica e que, na maioria das vezes, permanecem implícitas. Seu interesse estava nos “[...] critérios escondidos que são utilizados por orientadores [...] por revisores de periódicos. [Ele] desejava explicitar essas dimensões para que os autores pudessem antever o que diriam seus leitores a respeito da obra produzida” (STREET, 2010, p. 542, grifo nosso). Em aula, ele elaborou com os alunos uma lista de dimensões⁷ composta por:

⁷ Para aprofundamento sobre cada uma delas, ver Street (2010).

enquadramento (gênero; audiência; *finalidades/objetivos/argumentos*); contribuição/ “Para quê?” (para o conhecimento; para a área de pesquisa; para pesquisas futuras); voz do autor; ponto de vista; marcas linguísticas; estrutura. Sobre esses aspectos do letramento, Corrêa (2013b) assevera que se referem claramente à materialidade verbal não explicitada. Ao abordá-los, há o risco de mantê-los restritos a algumas características da estrutura composicional ou às escolhas léxico-gramaticais que caracterizam os estilos de gênero.

Em *Discurso na Vida e Discurso na Arte*, Volochinov e Bakhtin (1976, p. 5, grifo do autor) delimitam três fatores que compõem o contexto extraverbal: “1) *o horizonte espacial comum* dos interlocutores [...]; 2) *o conhecimento e a compreensão comum* da situação por parte dos interlocutores; e 3) sua *avaliação comum* dessa situação.”

De acordo com Fuza (2015), no caso dos artigos científicos das diferentes áreas do conhecimento, a esfera acadêmica os engloba. Presentes nessa esfera maior estão as comunidades científicas de cada área que podem ser entendidas como um (1) *horizonte espacial comum* dos pesquisadores com características composicionais próprias na escrita, com cultura própria de divulgação do conhecimento por meio do gênero artigo científico. Para a produção desses conhecimentos, há (2) *o conhecimento e a compreensão comum* da situação por parte dos interlocutores que constituem essa comunidade acadêmica, o que possibilita (3) *a avaliação comum* de uma situação, ou de um artigo científico, por exemplo. Os avaliadores dos artigos científicos enviados aos periódicos fazem exatamente uma “avaliação” do material que recebem, tendo em vista o horizonte comum que possuem dos conhecimentos das especificidades que compõem sua comunidade científica. Conforme Volochinov e Bakhtin (1976, p. 5):

[...] é deste ‘conjuntamente visto’ [artigos científicos a serem avaliados]; ‘conjuntamente sabido’ [as normas de submissão destinadas aos autores dos artigos e as normas de avaliação desses materiais usadas e conhecidas somente pelos avaliadores das revistas] e “unanimemente avaliado” [os avaliadores de cada área de conhecimento exprimem um acordo comum na avaliação desses textos, fazendo-os se constituir conforme as especificidades de sua comunidade científica] – ‘é disso tudo que o enunciado depende diretamente, tudo isto é captado na sua real, viva implicação.’ (VOLOCHINOV; BAKHTIN, 1976, p. 5).

A produção do gênero artigo científico ocorre na relação social entre os falantes e está “diretamente vinculado à vida em si e não [pode] ser divorciado dela sem perder sua significação” (VOLOCHINOV; BAKHTIN, 1976, p. 4). Dessa forma, os gêneros discursivos devem ser compreendidos em sua heterogeneidade, vinculados ao projeto discursivo das áreas, pressuposto que se opõe às noções unificadoras de escrita.

Objetivismo e subjetivismo na escrita científica

O discurso científico encontra suas bases nos conceitos de racionalidade universal e de razão. Para Cortes (2009, p. 3), em função disso, é que ele “[...] apresenta as coisas como que adquirindo vida e falando por si só, assumindo, assim, um caráter de neutralidade.” Para Rodrigues (2009), a intenção de os textos científicos se configurarem como objetivos e imparciais corresponde aos efeitos de sentido: “[...] existem recursos que permitem “fingir” essa objetividade [...] O principal procedimento é de produzir o discurso em terceira pessoa, no tempo do “então” e no espaço do “lá” [...] Finge-se distanciamento da enunciação, que é “neutralizada” (BARROS, 2005, p. 55-56 apud RODRIGUES, 2009, p. 4).

Dentre as estratégias formais usadas no texto, capazes de causar a ilusão de objetividade, destacam-se o uso da terceira pessoa e da voz passiva, marcas que denotam a ausência do sujeito-pesquisador, constituem normas impostas pela comunidade científica e aceitas por cada novo membro como sendo a única forma verdadeira de exercer o raciocínio, de fazer ciência (CORACINI, 1992). Diante disso, a posição de Bakhtin (1993, p. 55, grifo do autor) é de que: “[...] é um engano infeliz (herança do racionalismo) imaginar que a verdade (*pravda*) só pode ser a verdade (*istina*) composta de momentos universais; que a verdade de uma situação é precisamente o que é repetível [...]”, desconsiderando a verdade individual.

Para Bakhtin (2003), há uma unidade formada pela junção de dois conceitos, ao abordar a subjetividade e objetividade, o intuito (elemento subjetivo) entra em combinação com o objeto do sentido (objetivo) para formar uma unidade indissolúvel, o enunciado concreto (unidade indissolúvel). É possível afirmar que o diálogo entre o intuito e o objeto do sentido tenha origem nas noções de subjetivismo idealista e objetivismo abstrato (BAKHTIN; VOLOCHINOV, 1992). Enquanto no subjetivismo, há o foco no sujeito, no objetivismo existe o foco na estrutura. Apesar da aparente dicotomia entre os conceitos, os autores postulam o diálogo entre o indivíduo e o outro, pois a sua escolha é compartilhada com outros sujeitos discursivos.

A partir disso, Sobral (2009) concebe a subjetividade em termos psíquicos, sociais e históricos, ao invés de puramente psicológicos. A condição de possibilidade de subjetividade é o sujeito da linguagem como um agente que atua na presença de outro(s) agente(s), ou seja, dialoga com diversos interlocutores.

De acordo com Cortes (2009), a pretensa objetividade do discurso científico se configura como um momento que constitui o enunciado, sendo possível concebê-la segundo o princípio da *exotopia* (BAKHTIN, 1993). Este pode ser entendido como o distanciamento do autor em relação ao objeto, seguido do momento de objetivação. Cortes (2009, p. 4) afirma que “esse momento de objetivação não deve ser confundido com indiferença em relação ao objeto”, pois, a partir do momento em que se fala dele, já significa que o sujeito assumiu certa atitude sobre ele.

O enfoque no objetivismo e a defesa da neutralidade da ciência advêm dos princípios positivistas, que predominaram nas ciências humanas (RODRIGUES,

2009). Conforme Pasquotte-Vieira (2014), a ciência, centrada no positivismo, tem como foco a observação e o ato de escrever academicamente seria como descrever um estado de mundo (HAMMERSLEY; ATKINSON, 2007 apud PASQUOTTE-VIEIRA, 2014), sem haver posicionamento. Todavia, hoje, as ciências, como as Humanas, questionam os princípios da objetividade, “buscando implicar os sujeitos que exercem a ciência, evitando que atuem como meros reprodutores do *status quo científico*” (RODRIGUES, 2009, p. 5).

Em função do papel que o gênero discursivo, em especial, o artigo científico, possui nesta pesquisa, assim como as questões ligadas ao objetivismo e subjetivismo, aborda-se, na sequência, a metodologia de seleção e de escolha do *corpus* para a análise.

Metodologia

A escolha pelo estudo do artigo científico se deu, pois é o gênero de maior recorrência nos periódicos e na academia e porque pode carregar consigo marcas da comunidade acadêmica e dos sujeitos que a constituem. Desse modo, para esta pesquisa, foram selecionados periódicos e seus artigos científicos no ano de 2012. Alguns critérios foram considerados na escolha desses objetos como nota no *Qualis A1*; áreas do conhecimento; modalidade da contribuição; tempo de existência da revista e ano da coleta dos dados.

Os periódicos A1 foram selecionados uma vez que refletem aquilo que é esperado pelo universo acadêmico, em termos de excelência, segundo o *Qualis*: apresentam publicação reconhecida na área, condizente com as normas da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT), contam com conselho editorial com membro do país e do exterior etc.

Em relação ao número de periódicos do estrato A1, destaca-se o quadro 1:

Quadro 1 – Levantamento dos periódicos do estrato A1 segundo *WebQualis* (2012).

ÁREAS	TOTAL DE REVISTAS BRASILEIRAS A1	TOTAL DE REVISTAS ESTRANGEIRAS A1	TOTAL DE REVISTAS A1
CIÊNCIAS AGRÁRIAS	00	449	449
CIÊNCIAS BIOLÓGICAS	00	753	753
CIÊNCIAS DA SAÚDE	2	1.677	1.699
CIÊNCIAS EXATAS E DA TERRA	5	642	647
CIÊNCIAS HUMANAS	72	307	379
CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS	26	178	212
ENGENHARIAS	1	899	900
LINGUÍSTICA, LETRAS E ARTES	55	78	133

Fonte: Fuza (2015, p. 118).

Nas áreas de conhecimento investigadas, o montante de revistas estrangeiras A1 é superior ao de periódicos brasileiros. Em uma escala crescente de número de revistas brasileiras A1, observa-se que as Ciências Agrárias e Biológicas não possuem revista A1, as Engenharias têm uma, as Ciências da Saúde, duas, as Ciências Exatas e da Terra, cinco, as Ciências Sociais Aplicadas, vinte e seis, a área de Linguística, Letras e Artes, cinquenta e cinco e, por fim, as Ciências Humanas possuem setenta e duas revistas.

Tendo em vista a crença de que a produção escrita é permeada por múltiplas práticas, optou-se por selecionar artigos de periódicos de diferentes áreas do conhecimento. Após o levantamento, os seus sites foram visitados, o que possibilitou a seleção de periódicos representativos de cada área em função do tempo de sua existência, sendo consagradas em seu campo acadêmico, fundadas, respectivamente, em 1929 (Área: Multidisciplinar; subárea: Engenharias), 1950 (Ciências Humanas; subárea: História), 1979 (Ciências Sociais Aplicadas; subárea: Serviço Social), 1983 (Linguística, Letras e Artes; subárea: Letras/Linguística), 1985 (Ciências Exatas; subárea: Ensino), 1993 (Ciências da Saúde; subárea: Enfermagem). Os periódicos não são identificados pelos nomes, mas sim por suas áreas de conhecimento, já que tal dado não se faz relevante para o estudo.

A partir da seleção dos periódicos, foi possível a busca de um artigo representativo em seu interior que apresentasse características gerais da área, além de certas singularidades, ou seja, elementos que os diferenciavam dentro da área e possibilitavam a discussão a respeito da heterogeneidade da escrita. Em cada site foram observados: dois periódicos do ano de 2012 (ano da coleta dos dados no *Qualis*) e dois exemplares do ano de 2013 (o número de artigos lidos é variável de revista para revista em razão do número de textos publicados em cada exemplar das áreas).

O quadro 2 apresenta o número de artigos lidos para a possível seleção:

Quadro 2 – Levantamento dos artigos nas revistas para seleção do texto.

ÁREAS	Número de artigos lidos para possível seleção
CIÊNCIAS DA SAÚDE	88
CIÊNCIAS EXATAS E DA TERRA	64
CIÊNCIAS HUMANAS	40
CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS	24
ENGENHARIAS	10
LINGUÍSTICA, LETRAS E ARTES	32

Fonte: Elaboração própria.

Um artigo de cada área foi selecionado e na análise foram percebidas regularidades enunciativo-discursivas voltadas principalmente aos níveis composicional e estilístico do gênero artigo científico, com destaque ainda para a temática⁸.

Nos âmbitos composicional e estilístico, foram constatados aspectos que demarcaram proximidades e diferenças entre os textos das áreas. Quanto ao primeiro aspecto, há evidências objetivas que tendem à homogeneização da escrita, como (i) organização dos artigos em “Introdução, Metodologia, Resultados e Discussão” ou “Introdução, Seção teórica e Conclusão”; (ii) escolhas linguísticas como emprego da voz passiva e das formas que indeterminam o sujeito, como a partícula *se*.

Ao mesmo tempo, há aspectos que diferenciam os artigos das áreas e caracterizam evidências subjetivas que tendem à heterogeneidade, como (iii) a escolha da temática, (iv) a variação no número de autores no texto, (v) o uso da língua inglesa; (vi) o emprego de recursos verbais e não verbais; (vii) a questão do Comitê de Ética; (viii) o estilo da linguagem, com variações na pessoa do discurso, no emprego de verbos, de pronomes, de expressões e explicações contundentes.

Por meio dos aspectos apontados é possível tratar daquilo que possibilita um caráter mais objetivo e/ou subjetivo à escrita e abordar a heterogeneidade e a homogeneidade.

Objetivismo e subjetivismo nos artigos das diferentes áreas: breve análise

Nesta seção, destacam-se os artigos de cada uma das áreas do conhecimento: Humanas, Engenharias, Sociais, Saúde, Linguística e Exatas. Apesar da existência das categorias de análise, centradas na composição, no estilo, na temática do gênero artigo e em outros aspectos (elencados de *i* a *viii* na Metodologia), optou-se por organizar a análise dos artigos por áreas, retomando os aspectos quando necessários à análise, para que não houvesse segmentação dos dados e o leitor pudesse compreender o que perpassa a escrita de cada área especificamente.

A temática do gênero artigo científico é, de modo geral, comunicar os resultados de pesquisas, de ideias, de debates de acordo com a área e conhecimento do sujeito-pesquisador. Este, dentro das opções temáticas possíveis, seleciona uma para abordar e compartilha sua escolha com outros sujeitos discursivos. Por isso, pode-se afirmar que a escolha temática caracteriza subjetivamente a escrita científica, já que a singulariza.

O artigo de Ciências Humanas (subárea História) intitula-se: *Por que os seres humanos agem como agem? As respostas baseadas na natureza humana e seus críticos* e objetiva apresentar uma das respostas possíveis à pergunta do título.

Diante da temática, busca-se organizar o enunciado a partir de uma forma composicional. A área de Humanas apresenta uma estruturação das fases do artigo em três momentos: “Introdução, Seção(ões) Teórica(s) e Conclusão”. Não há menção às

⁸ Essa proposta metodológica de análise dos textos por meio dos elementos do gênero se justifica para fins de pesquisa, uma vez que eles possuem caráter indissolúvel na materialização concreta do enunciado, por isso, ao tratar da composição e do estilo, consequentemente, retoma-se a temática.

seções de metodologia, instrumentos de análise, resultados, embora abordem questões que levam à análise de um tema de estudo, as discussões giram em torno de pontos teóricos, eles são responsáveis por dar respaldo às ideias expressas e aos argumentos destacados.

Ao considerar que a forma arquitetônica é perpassada por valores ético-morais, de objetivos, que condicionam o conteúdo e o material etc., há, no artigo da área de Humanas, elementos em sua composição que possibilitam tratar da subjetividade. O primeiro deles, segundo Coracini (1991), é a própria organização do argumento científico que pode funcionar como uma estratégia de persuasão.

A área de Humanas utiliza perguntas para nortear a escrita do texto, apesar de não haver indicações explícitas ao papel do leitor para respondê-las. Desde o título do artigo *Por que os humanos agem como agem?*, o resumo: *o que explica os comportamentos e ações dos seres humanos?* e as seções teóricas: *coletivo ou individual?*, *natural ou social/cultural?*, tem-se o uso das perguntas e buscam-se respostas, por meio das ideias do pesquisador, agregadas às de outros teóricos. É uma forma de envolver o leitor na busca por respostas, mesmo que elas sejam dadas pelo próprio pesquisador, que afirma: “só *desenvolverei* uma das modalidades possíveis de respostas à pergunta contida no título” (artigo de Humanas, p. 19, grifo nosso). Para Amorim (2004), as formas de divisão e de organização do texto revelam a alteridade e a relação de pergunta e de resposta é uma forma de fazer a resposta do outro atuar no meu enunciado.

A organização dos argumentos, na composição do artigo, pode ser justificada também em função de a pesquisa apresentar caráter mais teórico-documental, organizada em seções teóricas com discussões a respeito da natureza humana, a fim de chegar à possível resposta para a pergunta que ronda o estudo: *Por que os seres humanos agem como agem?*. Assim, aborda as teorias em seções específicas, por meio da linguagem verbal escrita, e busca levar à formação de uma opinião a respeito da temática, de modo que, ao final, percebem-se nuances da preferência pelo viés social/cultural a respeito do agir humano. Não há o foco em destacar apenas um panorama sobre o assunto, mas sim em estabelecer relações entre as teorias, em demonstrar opinião e em atribuir ao texto um modo mais subjetivo de discussão.

O artigo da área de Humanas caracteriza-se pela evidenciação da subjetividade nos âmbitos temáticos e composicional do gênero e isso se reflete nas escolhas linguísticas que realiza. Enquanto as outras áreas buscam apagar a figura do sujeito enunciatador, o artigo de Humanas utiliza recursos para evidenciá-la, por exemplo, os pronomes pessoais⁹, que atuam “como ponto de apoio para o esclarecimento da subjetividade na linguagem” (BENVENISTE, 1992, p. 53 apud RODRIGUES, 2009, p. 6), em diálogo com outras classes: demonstrativos, advérbios, adjetivos etc.

⁹ Neste estudo, considera-se, na maioria das vezes, que as marcas de primeira pessoa e de modalização podem caracterizar a escrita heterogeneamente, em função dos artigos científicos que são objetos de análise. Contudo, compreende-se que, em outras situações, que não esta, a presença marcada do *eu* pode indicar também o predomínio de uma única voz sobre a heterogeneidade de outros discursos, tendo em vista as diferentes condições de produção do texto.

O pronome recomendado para uso no gênero discursivo científico é o *ele*, a não pessoa. Todavia, além dele, constatou-se a utilização da primeira pessoa do singular *eu* e da primeira pessoa do plural *nós* no artigo de Humanas, o que possibilita tratar da hibridização do papel estabelecido pelo pesquisador no texto:

[...] só *desenvolverei* uma das modalidades possíveis de respostas à pergunta contida no título (p. 19) [...] *Encontraremos* numerosas questões dessas neste artigo. *Aqui, separei* algumas, a *meu ver* prévias (p. 20) [...] *Entrarei*, adiante, em algum detalhe sobre esses enfoques pós-1964 [...] *quero referir-me* a que [...] (p. 26). (Artigo de Humanas, p. 19, 20 e 26, grifo nosso).

Nos exemplos destacados, há o uso de verbos na primeira pessoa do singular: *desenvolverei*, *separei*, *quero referir-me*, e verbos na primeira pessoa do plural: *encontraremos*, que constituem marcas de subjetividade e de intersubjetividade utilizadas pelo enunciador, já que o texto busca promover, de certo modo, a relação de pergunta e de resposta. Além disso, o indicador da *déixis*, advérbio, organiza a relação espacial à volta do pesquisador, tomado como ponto de referência *aqui*. O *nós* é utilizado pelo autor e isso pode significar: ou o pesquisador privilegia a si mesmo como principal enunciador ou fica na dúvida a respeito de quem de *nós* está afirmando. Neste caso, especificamente, há a busca pelo envolvimento entre aquilo que o pesquisador e o leitor poderão encontrar no texto. O uso do *nós* pode ser considerado uma forma de apagamento do sujeito enunciador e atenua a focalização sobre a pessoa (AMORIM, 2004), mas pode representar também a busca pelo envolvimento do pesquisador com seu leitor.

Ademais, o artigo se caracteriza pela forte presença do pesquisador no sentido de que, além dos usos de pronomes e de verbos em primeira pessoa, há expressões e explicações contundentes no momento das discussões das teorias que elenca, por exemplo:

[...] *quero referir-me* a que, tanto em biologia evolutiva quanto nesses estudos dela derivados [...], é possível notar a presença de metáforas que *considero infelizes* [...] têm proliferado expressões como: o “gene egoísta” de Dawkins; [...] Todas essas metáforas são, a *meu ver*, *equivocas e, portanto, pouco úteis*. Para dar um único exemplo: um gene não interage com coisa alguma nem pode ter intenções [...] Um indivíduo, portanto, pode eventualmente ser caracterizado como egoísta; *mas um gene não!* (Artigo de Humanas, p. 26, grifo nosso).

As instituições humanas são numerosas [...] para que sua explicação possa depender do mero sucesso em deixar descendentes! (Artigo de Humanas, p.34, grifo nosso).

Ora, esta convicção revela-se, a meu ver, *duvidosa* (Artigo de Humanas, p.36, grifo nosso)

Deliciosamente ideológica é, também, a opinião expressada por Morris Silver de que a visão dos profetas de Israel era má [...] Que *terrível* crime contra sua majestade, o mercado! (Artigo de Humanas, p. 42, grifo nosso).

Diferentemente das outras áreas, o artigo de Humanas, ao propor a busca por respostas sobre o agir humano, é bastante categórico em suas afirmações com posicionamentos evidentes do pesquisador em relação aos itens expostos. Seu estilo de linguagem, no momento de usar a palavra do outro, é pictural (AMORIM, 2004), pois há interferência na palavra do outro de forma bastante marcada e ela não se restringe apenas às citações diretas e literais que indicam uma forma fraca de representação da palavra do outro (AMORIM, 2004). No excerto destacado, empregam-se adjetivos e expressões, como *infelizes*, *equivocas*, *pouco úteis*, *duvidosas*, que evidenciam um posicionamento do pesquisador em relação às teorias que tratam da natureza do homem. O pesquisador utiliza a palavra do outro como forma de instaurar um diálogo, recorre a poucas citações diretas, privilegia citações indiretas e paráfrases, para reformular o discurso do outro e encaixa-o à realidade apresentada pelo texto (BOCH, 2013).

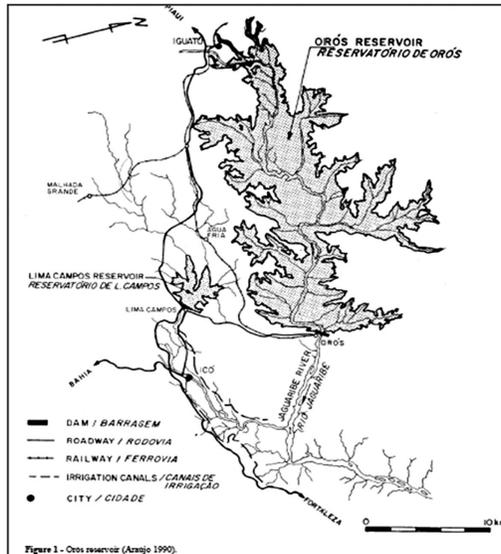
Outro recurso bastante evidente na escrita do artigo é a utilização dos sinais de exclamação (*gene não!*; *deixar descendentes!*; *o mercado!*) e de interrogação (expresso no próprio título do artigo), que atribuem ao discurso um sentido mais contundente, pessoal àquilo que é exposto. Trata-se de um artifício retórico para induzir a leitura do período de forma diferenciada, que supõe um estado emocional compatível com o sentido portado e auxilia o pesquisador a construir, em seu imaginário, um diálogo virtual com o enunciador. O uso do advérbio *deliciosamente*, que modifica o termo *ideológica*, surge como uma evidência da opinião do pesquisador sobre as ideias de Morris. A utilização de *deliciosamente* não é algo recorrente em escritas acadêmicas, em função de seu caráter pessoal de expressão de uma opinião sobre um fato.

A área de Engenharias (subárea Engenharia III) apresenta o artigo, *A análise de risco no vertedouro da barragem de Orós por excesso de vazão afluyente*¹⁰ (tradução minha), que aborda a possibilidade de superação do nível de água do projeto no vertedouro da barragem de Orós e avalia as fórmulas empíricas contidas no projeto original.

O artigo se organiza em: “introdução, metodologia, resultados e discussão”, pois se trata de uma pesquisa experimental, e utiliza linguagem verbal e não verbal na apresentação dos dados, recurso que pode levar à caracterização da área. As imagens/ figuras estão presentes no momento da introdução do texto, na fase da contextualização histórica a respeito da barragem de Orós; uma delas é do mapa do reservatório:

¹⁰ Trecho original: “*Risk analysis in the spillway of dam Orós by excess of influent flow*”.

Figura 1 – Mapa do Reservatório presente na Introdução do artigo



Fonte: Artigo de Engenharias (p. 406).

A imagem do mapa, por exemplo, é exposta a fim de indicar ao leitor a localização do reservatório. Há um diálogo com o discurso corrente do artigo, como forma de ilustrar o que é dito pelo pesquisador: “A barragem de Orós está localizada no município de Orós, distante 450 km de Fortaleza [...] (Figura 1)”¹¹ (Artigo de Engenharias, p. 405, tradução nossa).

De acordo com Miller (1998), os elementos visuais em artigos científicos têm aumentado ao longo dos anos, por isso, alguns estudiosos dedicam-se a estudá-los¹². Nascimento (2002, p. 2), por exemplo, a fim de verificar como artigos científicos da área de Engenharia Elétrica combinam texto verbal e não verbal, afirma que o emprego e a significação de textos não verbais, como figuras e tabelas, são definidos por valores disciplinares “[...] segundo os quais não se concebe analisar as práticas de uma disciplina de modo desvinculado de seu contexto de produção e consumo.” Para a autora, a relação entre texto verbal e não verbal em artigos acadêmicos é opção de uma comunidade acadêmica, não somente quanto ao âmbito formal do gênero (estrutura do texto), mas também quanto ao âmbito discursivo, ou seja, “[...] o texto como mediador da interação social e como veículo de valores e significados de grupos particulares [...]” (NASCIMENTO, 2002, p. 3).

¹¹ Trecho original: *The dam Orós is located in the municipality of Orós, faraway 450 km from Fortaleza, capital of Ceará state (Figure 1)*” (Artigo de Engenharias, p. 405).

¹² A fim de agrupar evidências para sustentação da análise dos artigos científicos, já que há maior recorrência de estudos voltados aos artigos de divulgação científica, este estudo destacará pesquisas que compreendem a condição verbo-visual da linguagem enquanto uma produção discursiva e como objeto de estudo, citando-as em diálogo, tendo em vista a pertinência das discussões.

De certo modo, na academia, especialmente nas Ciências Humanas, há o emprego acentuado de gêneros puramente verbais (NASCIMENTO, 2002). No entanto, o diálogo entre informação verbal e não verbal é responsável pela mensagem construída no texto, pois os artigos de pesquisa científica dependem do emprego de representações visuais como, por exemplo, gráficos, tabelas, imagens (LEMKE, 1998).

No artigo analisado, há duas figuras, além de oito tabelas para apresentação dos materiais e métodos, dos resultados e da discussão. Esses elementos caracterizam um dos pontos de heterogeneidade da confecção do texto de Engenharia em relação aos textos das outras áreas de conhecimento analisados, já que Sociais opta pela figura e Saúde apenas por tabelas. As marcas verbo-visuais, presentes nos artigos científicos, caracterizam-se como “dimensão enunciativo-discursiva reveladora de autoria (individual ou coletiva)” (BRAIT, 2013, p. 62).

Estudiosos¹³, assim como apontado por Nascimento (2002), afirmam que, quanto à distribuição dos recursos não verbais, a seção que mais os reúne são Resultados e Discussão. No artigo da área de Engenharias, os recursos não verbais estão nas seções de Materiais e Métodos (uma figura e três tabelas), de Resultados (cinco tabelas) e de Discussão (uma tabela). Conforme Volpato (2015), se o foco dos resultados da pesquisa volta-se para números, conseqüentemente, a melhor forma de organizá-los é por meio de tabelas.

No artigo, por exemplo, na seção de Discussão, são apresentados os resultados alcançados e são resumidos os indicadores de análise de risco, por meio da tabela oito, conforme se destaca:

Figura 2 – Tabela presente no artigo de Engenharias

Method	b = 160; H _{adm} = 8.5	b = 146; H _{adm} = 8.5	b = 160; H _{adm} = 9.0	b = 146; H _{adm} = 9.0
AFOSM	0.3415%	0.6453%	0.1738%	0.3565%
PEM	0.0057%	0.0217%	0.0013%	0.0062%
Monte Carlo	0.2000%	0.2000%	0.0000%	0.0000%

Fonte: Artigo de Engenharias (p. 414).

Conforme Miller (1998), a vantagem do emprego de textos não verbais, como a tabela, é que eles evidenciam aspectos da realidade difíceis de descrever verbalmente. Para expor a tabela na página, o pesquisador utiliza a linguagem verbal, por meio de marcadores de “antecipação e recapitulação” (NASCIMENTO, 2002, p. 19). Por exemplo, antes da exposição da tabela, o pesquisador assume que ela resumirá os cálculos expostos durante o texto: “A Tabela VIII resume todos dos cálculos”¹⁴ (Artigo de Engenharias, p. 414, tradução nossa). Com base em Swales e Feak (1994), Nascimento (2002) afirma que esta antecipação é a primeira fase da organização dos

¹³ Pesquisadores que tratam da relação entre linguagem verbal e não verbal em textos científicos: Johns (1998); Busch-Lauer (1998); Palmer e Posteguillo (1998), Hemais (2001).

¹⁴ Trecho original: “The Table VIII summarizes all the calculations” (Engineering Articles, p. 414).

comentários que acompanham o texto não verbal. Na sequência, destaca-se a descrição do conteúdo: “Onde: PEM é o ‘método de estimativa pontual’; B, o comprimento livre do vertedouro (m)”¹⁵ etc. (Artigo de Engenharias, p. 414, tradução nossa) e, por fim, a conclusão do comentário: “Na mesma Tabela VIII, vemos que os riscos para superar a profundidade de água do projeto são quase insignificantes [...]”¹⁶.

A organização e a apresentação dos dados por meio de tabelas são escolhas do pesquisador e caracterizam a área. O artigo de Engenharias se configurou por uma escrita em língua inglesa, bastante precisa, objetiva, com o uso do *nós* em momentos pontuais do artigo: *fizemos* (Artigo de Engenharias, p. 408); *consideramos* (Artigo de Engenharias, p. 409); *encontramos* (Artigo de Engenharias, p. 414); *usamos* (Artigo de Engenharias, p. 414)¹⁷. No entanto, pela própria característica geral do texto, que prioriza uma linguagem bastante objetiva, esse uso se deu em função da busca apenas pela generalização e evidencia uma pessoa mais massiva e indefinida (AMORIM, 2004), já que não há outras marcas de subjetividade explícitas no texto. O tom impessoal dado ao texto dialoga diretamente com o tipo de exposição dos dados, por meio de tabelas tão pontuais.

Em diálogo com o estudo de Nascimento (2002), pode-se afirmar que a Engenharia, assim como as demais ciências duras, desenvolveu recursos visuais próprios para tratar daquilo que pesquisa, já que apenas os recursos linguísticos escritos não foram suficientes para sanar as suas necessidades cognitivas e comunicativas: “[...] o fato dos engenheiros utilizarem alto índice de textos não verbais na construção do artigo científico reforça, portanto, a noção de que não podemos mais ignorar a constituição híbrida dos gêneros acadêmicos.” (NASCIMENTO, 2002, p. 101), pois gráficos, tabelas etc. apresentam sentido próprio na disciplina.

Outro elemento que possibilita a discussão a respeito da marca de subjetividade na escrita é quanto ao uso da língua inglesa, já que é norma da revista. Para Nascimento (2002, p.102), ao considerar a escrita em periódicos de circulação internacional, como é o caso do artigo em análise, a familiaridade com a linguagem não verbal “pode, até certo ponto, amenizar dificuldades com o código verbal”, haja vista a universalidade da linguagem não verbal. Miller (1998) afirma que há uma descrição mais precisa ao empregar números [...] figuras; assim, o pesquisador agrupa ideias e compreende-as (NASCIMENTO, 2002).

O fato de o periódico de Engenharias estabelecer como normas para submissão “artigo escrito em Inglês claro e conciso” responde ativamente ao esperado no universo da publicação acadêmica, uma vez que os artigos científicos asseguram a influência científica por meio da língua. A revista da qual o artigo foi extraído é a pioneira no

¹⁵ Trecho original: *Where: PEM is the “Point Estimate Method”; B the free length of the spillway(m).*

¹⁶ Trecho original: *In the same Table VIII, we see that the risks to overcome the water depth of the project are almost insignificant [...].*

¹⁷ *“We made”* (Engineering Articles, p. 408); *“we consider”* (Engineering Articles, p. 409); *“we found”* (Engineering Articles, p. 414); *“we used”* (Engineering Articles, p. 414).

Brasil, datando de 1929, e a sua manutenção no estrato A1 exige a resposta a fatores, como a internacionalização¹⁸.

O artigo da área de Ciências Sociais (subárea Serviço Social), *Espaço sócio-ocupacional do assistente social: seu arcabouço jurídico-político*, objetiva reunir as salvaguardas jurídico-políticas disponíveis para os desafios presentes no trabalho do assistente social e busca saber se elas são suficientes para qualificar o fazer profissional.

Quanto à forma de composição, o texto se organiza em três momentos: “Introdução, Seção(ões) Teórica(s) e Conclusão” e as discussões abordam pontos teóricos que respaldam os objetivos do texto: “Os pilares normativos do exercício profissional”, a “Lei das 30 horas: a mais recente conquista”, o “Aparato jurídico-político concernente ao espaço sócio-ocupacional”, “A ação fiscalizadora dos conselhos” e os “Projetos de lei em tramitação”.

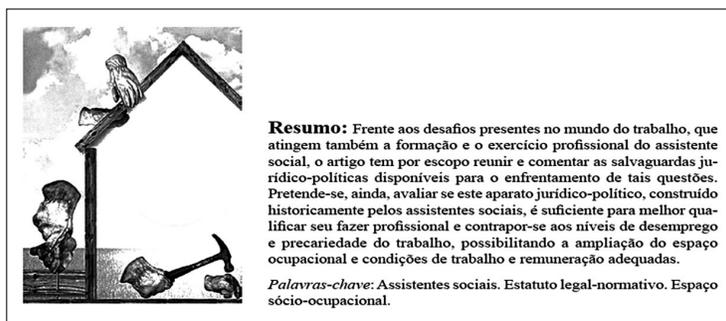
Por se tratar de pesquisa com caráter documental, há apresentação pontual de leis e de resoluções que norteiam o trabalho do profissional da assistência social. Por exemplo, na seção sobre o Projeto de Lei sobre o piso salarial, tem-se:

De autoria da deputada Alice Portugal (PCdoB-BA), propõe alteração na Lei n. 8.662/1993 definindo piso salarial para a categoria no valor de R\$ 3.720,00 para uma jornada de 30 horas semanais e seis horas diárias [...] O Projeto de Lei (PL) foi aprovado com ressalvas [...] e atualmente aguarda Parecer (Artigo de Sociais, p. 145).

O pesquisador aborda leis, destaca fragmentos e elabora um panorama sobre o tema, o que possibilita ao leitor um cenário geral do desenvolvimento jurídico-político construído historicamente pelos assistentes sociais.

Apesar do predomínio da linguagem verbal, na primeira página do artigo, juntamente com o título, o autor, o resumo e o *abstract*, há uma figura (não há outra no decorrer do texto):

Figura 3 – Imagem constante na abertura do artigo de Sociais



Fonte: Artigo de Sociais (p.131).

¹⁸ Em Fuza (2015), apresenta-se uma discussão mais detalhada sobre o papel da língua inglesa na produção acadêmica.

De acordo com Volpato (2015), as projeções na publicação científica ainda estão tímidas, mas já há um movimento no sentido de incorporar, por exemplo, figuras em miniatura no início do trabalho entre Resumo e Introdução. A inserção da figura parece acontecer no texto de Sociais. A imagem utilizada completa as informações do texto, uma vez que representa a construção dos fundamentos de uma casa por meio do auxílio de sujeitos.

Diferentemente da imagem usada no artigo das Engenharias, aqui cabe ao leitor inferir que o texto tratará de elementos que dão fundamento para a discussão do “aparato jurídico-político *construído* historicamente pelos assistentes sociais” (Artigo de Sociais, p. 131, grifo nosso) e elaborar um significado para sua utilização no texto. No próprio resumo, o pesquisador usa o termo “construído”, como menção ao processo de constituição dos elementos jurídicos e políticos que são elaborados no decorrer do tempo por diversas mãos, assim como a imagem registra. O elemento visual articula-se ao verbal “[...] de maneiras diferentes em cada enunciado, interferindo na forma de composição, no estilo e, conseqüentemente, nos temas produzidos. São, portanto, projetos de construção de conhecimento verbo-visualmente constituídos [...]” (BRAIT, 2013, p. 62).

Conforme Lemke (1998), os cientistas constroem seus argumentos lógicos por meio de informações verbais em diálogo com outras expressões como imagens, ou seja, gêneros visuais únicos, singulares àquele momento de produção do discurso. Hemais (2001) afirma que os artigos acadêmicos, em detrimento dos estudos de popularização da ciência, estabelecem uma narrativa da ciência, ou seja, buscam-se organizar os eventos de modo a defender uma tese, pressupondo uma audiência de pares interessados no estudo proposto. A imagem exposta pelo pesquisador, de certo modo, indica a elaboração do aparato que fundamenta o trabalho do assistente social e se configura como um conceito, pois consegue reduzir, em um só recurso, a temática central do texto. No artigo científico, de modo geral, o visual e o verbal auxiliam na construção do conhecimento científico, “tramando as duas linguagens”, acrescentando-lhe valores (BRAIT, 2013, p. 60).

Na área de Ciências Sociais, há traços que permitem tratar da subjetividade, como as escolhas de autores e teóricos para fundamentar as discussões, ao mesmo tempo em que o estilo do texto parece indicar o distanciamento do pesquisador do objeto estudado ou do enunciador com o enunciatário. Para tanto, usam-se recursos linguísticos que parecem mascarar a subjetividade, como no excerto destacado:

Com sua publicação, *pretende-se* não só que ele tenha uma função pedagógica para a formação [...] dos assistentes sociais. *Vislumbra-se* avaliar criticamente se este aparato jurídico-político [...] é hoje suficiente para melhor qualificar suas atribuições e competências e *contrapor-se* aos níveis de desemprego. (Artigo de Sociais, p. 134, grifo nosso).

Recursos como a voz passiva e o emprego das formas que indeterminam o sujeito agente, como a partícula *se*, produzem efeito de distanciamento, por exemplo: *pretende-se não só...* (Sociais, p. 134), dentre outros exemplos.

O artigo da área de Ciências da Saúde (subárea Enfermagem), *Sofrimento moral em trabalhadores de enfermagem*, busca analisar a frequência e a intensidade de sofrimento moral vivenciado por trabalhadores de enfermagem do Sul do Brasil. Trata-se de um estudo experimental, organizado em: “introdução, metodologia, resultados e discussão”.

Uma das marcas de subjetividade é o número de autores presentes no texto. Esse fator não representa apenas uma questão formal de constituição do artigo de acordo com as normas dos periódicos, mas sim um entendimento que aborda a comunidade acadêmica da qual esses sujeitos-pesquisadores fazem parte. Conforme Sanches (2009), a presença dos autores e de suas filiações concede credibilidade ao texto e à pesquisa. O artigo da Saúde apresenta seis autores e destoa das outras áreas: um autor (Sociais, Engenharias, Linguística, Humanas) e dois autores (Exatas).

A literatura destaca o crescimento do compartilhamento da produção científica e, de acordo com a área do conhecimento, como as ciências da Saúde, há a redução dos trabalhos assinados por um único pesquisador. A colaboração científica pode ser estabelecida em meio às redes de conhecimento por meio de interações entre sujeitos, como parece ocorrer no artigo de Saúde analisado, porque todos têm vínculo com a “Universidade Federal do Rio Grande”.

Um dos fatores que favorece a existência da colaboração é a área da pesquisa e sua natureza. Segundo Smith (1958), trabalhos teóricos produzem artigos com menos autores do que trabalhos experimentais. Essa constatação é percebida no caso dos artigos analisados neste texto, porque, enquanto o estudo experimental da Saúde possui seis autores, o estudo teórico, centrado na pesquisa documental, como na área de Sociais, apresenta apenas um.

Na análise do artigo, outra marca de subjetividade é o uso de recursos verbais e não verbais. A área da Saúde utiliza, na fase dos resultados, três tabelas que permitem a visualização das percepções das equipes de Saúde analisadas quanto ao sofrimento moral. Busch-Lauer (1998) trata da utilização de elementos não verbais em artigos da área médica/saúde. Segundo ele, a seção que mais reúne esses textos são as de Resultado e de Discussão, assim como observado neste estudo, e praticamente em todos os textos empregam-se representações visuais.

Sua forma de apresentação é bastante padrão. As tabelas são exibidas após parágrafos de exposição dos resultados, como uma forma de sistematização dos dados. Há uma explicação textual dos dados encontrados e, por meio de um termo catafórico, enuncia ao leitor que, na sequência, pode encontrar a tabela: “A análise descritiva (*Tabela 1*) permitiu identificar as percepções das equipes de enfermagem” (Artigo da Saúde, p. 4, grifo nosso); “Das análises de variância realizadas (*Tabela 2*), algumas correlações [...]” (Artigo da Saúde, p.5, grifo nosso) etc.

Um dos fatores que caracteriza a escrita do artigo da área da Saúde é a aprovação do trabalho pelo Comitê de Ética: “O projeto foi antecipadamente julgado e aprovado

pelo Comitê de Ética em Pesquisa, com Parecer n.º 70/2010.” (Artigo da Saúde, p. 3), que demonstra a resposta ética do texto à legislação de pesquisa e “a construção coletiva da ciência como um patrimônio coletivo” (FAPESP, 2012, p. 9).

O estilo do texto tende ao objetivismo, pois preza, dentre outros fatores, pelo uso da terceira pessoa, “[...] identificou-se que *desrespeito à autonomia do paciente* alcançou a maior média no estudo, seguido do constructo *condições de trabalho insuficientes*” (Artigo da Saúde, p. 6, grifo do autor). Apesar de os pesquisadores terem aplicado o questionário e tabulado os dados, na Discussão, tentam ser imparciais e destacam a força dos dados encontrados. Segundo Volpato (2015), muitas revistas apresentam redação impessoal mais em função do costume do que em função da lógica da escrita acadêmica, pois hoje há tentativas de mudança no emprego da linguagem, com foco na pessoalidade na escrita, assim como ocorre em alguns periódicos internacionais.

Os autores apresentam os dados por meio de verbos no pretérito perfeito para indicar ações já ocorridas: “A falta de competência na equipe de trabalho *constituiu* o constructo que *apresentou* a maior causa de SM nos trabalhadores [...]” (Artigo da Saúde, p. 6, grifo nosso). Na Discussão, por sua vez, há predomínio da modalização, por exemplo, “A percepção do SM *parece* fortemente associada à necessidade de exercício de poder [...], o que *pode representar* a necessidade de enfrentamentos de conflitos” (Artigo da Saúde, p. 6, grifo nosso). Os verbos, *parece* e *pode representar* (auxiliar modal: verbo poder mais representar), indicam, de certo modo, dúvida e/ou incerteza quanto aos argumentos, pois são interpretações que eles realizam frente aos dados. Segundo Volpato (2015, p. 9), durante muito tempo, assumia-se “que qualquer leitor, a partir dos dados do artigo, deveria chegar à mesma conclusão do autor”, por isso, dizia-se: “conclui-se”, pois todos concluirão a mesma coisa. O artigo analisado, ao afirmar algo e, depois, ao modalizar, parece propor o diálogo entre as vozes dos autores, dando abertura para possíveis respostas que poderão vir por parte dos leitores do texto.

O artigo, *A constituição da escrita escolar em objeto de análise dos estudos linguísticos*, da área de Linguística, Letras e Artes (subárea Letras/Linguística), trata da escrita escolar, “Neste artigo, observa-se a emergência do interesse acadêmico pela produção escrita de caráter escolar – mais especificamente, a produção textual denominada *redação escolar*” (Artigo de Linguística, p. 283, grifo do autor) e o *corpus* de análise é constituído pelos “primeiros artigos sobre escrita escolar publicados no país” (Artigo de Linguística, p.284).

Trata-se de uma pesquisa documental, organizada em: “introdução, seções teóricas mescladas com discussão e conclusão”, por meio da linguagem verbal. A fim de expor ao leitor de que forma a escrita foi se constituindo para os estudos linguísticos, o autor destaca as seguintes seções principais: “O período de emergência da redação escolar como objeto de análise linguística”, “As análises fundamentadas em conhecimentos linguísticos”, “A contraposição ao caráter normativo, arbitrário e não-exaustivo dos estudos gramaticais tradicionais”, “A contraposição à noção de incompetência linguística”, “As causas a que se atribuem os problemas encontrados na escrita escolar” e “O período de emergência: a polêmica constitutiva”.

O texto apresenta forma composicional bastante padrão da escrita de artigos. Tal fato dialoga com os resultados apresentados por Miranda (2016, p. 2), que observou “a remodelação de formas de apresentação de artigos” acadêmicos em periódicos de Linguística Aplicada (LA). Para a autora, os artigos não aderiram aos “novos formatos de apresentação dos conteúdos de pesquisas científicas” (MIRANDA, 2016, p. 11) e permanecem com imagens e gráficos intercalados, indicações de *links* etc. Apesar dessa constatação, ela afirma que não se pode concluir que os artigos publicados na LA estão ultrapassados diante de outras áreas, pois é preciso considerar as especificidades da área, o tipo de pesquisa etc.

Quanto ao estilo de escrita do artigo, recai-se na objetividade da escrita, com apagamento do sujeito enunciador, com foco no objeto de análise. O artigo, assim como todo discurso, apresenta suas singularidades em função do tema (escrita escolar), das escolhas teóricas (análise segundo perspectiva discursiva de linha francesa), da utilização da linguagem predominantemente verbal etc.

Da área de Ciências Exatas (subárea Ensino¹⁹), destaca-se o artigo: *O ler e o escrever na construção do conhecimento matemático no ensino médio*, que investiga as estratégias de leitura e de escrita no ensino de Matemática e o instrumento no qual os alunos expressam as suas percepções, o portfólio, durante o processo de ensino e de aprendizagem.

O artigo se organiza da seguinte forma: “introdução, metodologia, resultados e discussão” e “análise dos dados”, seção específica na qual o pesquisador analisa os dados que coletou e apresentou no momento da Metodologia. Trata-se de uma pesquisa de caráter mais experimental, que analisa uma problemática, voltada ao papel da intervenção nas aulas de matemática para a construção do conhecimento por meio de portfólios. Por não haver uma seção específica para a teoria, ela é destacada no texto durante a seção de introdução e/ou de resultados, conforme se destaca:

Já quanto aos três últimos alunos, pode-se concluir que a maior parte dos instrumentos utilizados e das atividades realizadas foi prejudicada pela postura não-participativa [deles] [...] Para Vigotski (2001) as características de cada indivíduo vão sendo formadas a partir da interação constante com o meio [...] (Artigo de Exatas, p. 521).

A subárea do periódico, no qual consta o artigo, é “ensino” e isso influencia diretamente em sua constituição, pois os autores trazidos, em sua maioria, voltam-se ao contexto educacional, com predomínio das citações de Vygotsky.

Assim como Sociais e Linguística, o estilo de linguagem recai nos moldes objetivos da linguagem acadêmica. O que parece trazer ao texto um caráter mais subjetivo é a utilização da modalidade que, segundo Coracini (1991), faz que o enunciador assum

¹⁹ O fato de a subárea do periódico ser “ensino” influenciará a constituição do artigo das Exatas. Apesar disso, opta-se por destacá-lo, pois se tratava, na época da coleta, da única revista A1 brasileira dessa área e os textos que a constituem são todos voltados às questões de ensino, envolvendo questões matemáticas.

com maior ou menor força o que enuncia. A essa noção não se exclui o discurso científico mesmo que se caracterize pela utilização de elementos linguísticos capazes de “fazer crer” (Artigo de Exatas, p. 113) na imparcialidade da pesquisa. A autora aborda a modalidade pelo viés pragmático²⁰, como um recurso argumentativo, “[...] a favor do desejo de imparcialidade do enunciador que, apesar disso, se revela subrepticiamente julgando, avaliando, justificando sua pesquisa, sugerindo novas pesquisas [...]” (CORACINI, 1991, p. 121).

No artigo de Exatas, na fase dos *Resultados*, podem ser observados exemplos:

Com relação ao décimo segundo aluno, *pode-se concluir* que os instrumentos utilizados e as atividades realizadas tiveram um resultado razoável, e que a maior parte dos problemas apresentados por ele *parece dever-se* mais às dificuldades com a Língua Portuguesa [...] Já quanto aos três últimos alunos, *pode-se concluir* que a maior parte dos instrumentos utilizados e das atividades realizadas foi prejudicada pela postura não-participativa dos três [...] No caso dos três alunos, as suas resistências quanto à participação nas atividades [e] a sua interação não satisfatória com os colegas *podem ter* comprometido o seu desenvolvimento (Artigo de Exatas, p. 520, grifo nosso).

O excerto mostra o emprego dos modalizadores por meio de auxiliar modal, como *podem ter* (verbo poder mais ter), a fim de indicar que os resultados foram razoáveis diante das atividades realizadas. O pesquisador inicia expondo: *pode-se concluir* que [...]; a partir disso, ao postular os resultados, há a utilização de expressões que sugerem a presença, embora escondida, de alguém que julga, comenta, como em *parece dever-se mais* [...]. Trata-se de uma maneira de descomprometimento do pesquisador, contudo observa-se que são resultados constatados por ele. Não há a afirmação categórica dos resultados: *podem ter comprometido o seu desenvolvimento*.

A área de Exatas é a que mais utiliza o recurso modalizador. Ao recorrer a esse elemento, o pesquisador tem o intuito de não se responsabilizar, de certa forma, por aquilo que afirma, demarcando dúvida e incerteza quanto aos seus argumentos. Assim, são evitados questionamentos, objeções e há atenuação das marcas de subjetividade, o que não deixa de evidenciar marcas do envolvimento do enunciador com o enunciatário, porém cria-se o efeito de sentido de objetividade.

Resultados e discussões: diferenças e proximidades dos artigos das diferentes áreas

No estudo do gênero do discurso artigo científico, há relações entre aspectos homogêneos e heterogêneos da escrita. Alguns deles são responsáveis pelas semelhanças

²⁰ O estudo da modalidade pode ser ampliado a partir do estudo de Lyons, na obra *Semantics*, de 1977, e de Palmer, em *Mood and modality*, de 1986.

entre os textos das diferentes áreas do conhecimento, marcados nos âmbitos composicional e estilístico do gênero, que levam o texto a ter características mais homogêneas, como: (i) organização dos artigos em “Introdução, Metodologia, Resultados e Discussão” ou “Introdução, Seção teórica e Conclusão”; (ii) escolhas linguísticas como emprego da voz passiva, das formas que indeterminam o sujeito, como a partícula *se* etc.

Quanto ao primeiro elemento, há uma padronização na composição dos textos, que está calcada principalmente nos discursos acadêmicos, como da ABNT ou dos próprios periódicos, que pode ser depreendida por meio de suas normas. Além disso, o tipo de pesquisa, ao mesmo tempo em que caracteriza a área, leva à padronização do formato do texto. Os artigos analisados das áreas de Humanas e Sociais organizam o texto segundo as seções: introdução, teoria e conclusão, pois são pesquisas documentais²¹; as pesquisas experimentais das áreas de Saúde, Linguística e Engenharias apresentam: introdução, metodologia, resultado e discussão, acrescentando a análise dos dados, no caso das Exatas. Verifica-se, assim, pouca variação nas áreas em relação à forma composicional.

O uso de recursos linguísticos, a fim de proporcionar o distanciamento do sujeito pesquisador do objeto, também se configura como aspecto objetivo, que padroniza a escrita. Por exemplo, em todas as áreas constata-se o uso de terceira pessoa e da partícula *se* como forma de apagar o sujeito enunciador. Essas formas não são escolhidas aleatoriamente, mas são respostas aos discursos acadêmicos, às esferas científicas que postulam essa normatização.

Há evidências de subjetividades que singularizam as áreas, vinculadas aos aspectos composicional (forma composicional e forma arquitetônica) e estilístico, o que permite tratar da heterogeneidade como: (i) a escolha da temática, (ii) a variação no número de autores no texto, (iii) o uso da língua inglesa; (iv) o emprego de recursos verbais e não verbais; (v) a questão do Comitê de Ética; (vi) o estilo da linguagem, com variações na pessoa do discurso, nos verbos empregados etc. Isso ocorre, pois os discursos têm sua “significação determinada pelos contextos em que são produzidos” (GOULART, 2006, p. 455).

A fim de expressar seus conhecimentos, o sujeito-pesquisador utiliza o artigo científico e vê-se perpassado por condições próprias do gênero, impostas pela ABNT, pelos discursos acadêmicos, que buscam padronizar aspectos de escrita científica. Há o diálogo entre aquilo que é próprio da área, pois o tema expressa uma situação histórica concreta, e aspectos gerais ligados à esfera científica.

O artigo de Humanas tem como forma composicional: introdução, teoria e conclusão, no entanto, o modo como os argumentos são organizados, os diálogos que são constituídos fazem que a área destoe de todas as outras, já que optam, geralmente, por organizar um diálogo entre textos teóricos e resultados obtidos em seus estudos, intercalando-os. A relação de pergunta e de resposta ocorre apenas na área de Humanas, haja vista que o próprio texto é construído a partir dessa relação dúbia de perguntar e

²¹ Esses dados refletem a realidade dos artigos analisados, não podendo ser considerada como *regra* na escrita de outros textos das áreas.

responder e visa à alteridade dos discursos que se faz tão marcada no decorrer de todo o texto. Conforme Souza e Albuquerque (2012), a compreensão dos temas que se quer investigar em pesquisas de Ciências Humanas ocorre por meio de confrontos de ideias e negociação de sentidos possíveis entre o pesquisador. A alternância de perguntas e respostas fazem da pesquisa um processo vivo de produção de sentidos sobre os modos de perceber a natureza humana, pois o pesquisador não apenas pergunta para obter respostas, mas, ao perguntar e também responder, “posiciona-se como um sujeito que do lugar de pesquisador traz perspectivas e valores diversos” (SOUZA; ALBUQUERQUE, 2012, p. 308), tanto que, em momentos do texto, coloca-se como “eu” do discurso.

De certa forma, no artigo da área de Humanas, o estilo refletiu o juízo de valor que o sujeito pesquisador possuía sobre o tema, pois depende necessariamente do que deseja enunciar. Se havia, no modo de organização dos argumentos, a alternância entre sujeitos, conseqüentemente, cabe ao pesquisador posicionar-se no texto, imprimindo um estilo particular. Para isso, recorre aos aspectos linguísticos, como utilização do pronome em primeira pessoa, de expressões e explicações contundentes nos momentos das discussões teóricas, de citações picturais e de sinais de pontuação que atribuem ao discurso um sentido pessoal ao que é exposto.

Na área da Saúde, dois elementos possibilitam tratar da subjetividade, uma vez não se apresentam nas outras áreas. O primeiro deles é o fato de o artigo apresentar seis autores, enquanto as outras destacam um ou dois. Alguns fatores favorecem a colaboração na academia, como: a área da pesquisa e a interdisciplinaridade da Ciência atual, que impõe o diálogo entre pesquisadores advindos de diversos campos do saber; os fatores econômicos relacionados aos altos custos dos equipamentos/investimentos, como ocorre na área da Saúde; os fatores sociais voltados aos vínculos profissionais e pessoais do pesquisador (LUUKKONEN; PERSSON; SILVERTSEN, 1992) etc.

O artigo da área da Saúde apresenta também menção ao Comitê de Ética em pesquisa, argumento que não consta no texto das outras áreas, embora nas normas de publicação das revistas esteja delimitado. O artigo da área de Saúde demonstra uma escrita heterogênea quanto aos aspectos éticos, haja vista que, nas outras, os textos analisados não evidenciam preocupação com esse fator. Talvez isso se deva à natureza da pesquisa, como no caso das Sociais e Humanas, que apresentam um trato mais teórico e discursivo; Linguística, Exatas e Engenharias focam em objetos analíticos e não no ser humano; logo, nessas áreas, não há espaço para tratar de aspectos éticos.

O estilo de linguagem da área da Saúde tende ao objetivismo, apesar de fazer uso da modalização em alguns momentos no texto, como acontece na área das Exatas, que se difere das outras especificamente em função disso e de seu tema.

Outro elemento que possibilita falar de heterogeneidade é a escrita do texto em língua inglesa, como no artigo das Engenharias, e a utilização de recursos verbais e não verbais característicos de apenas três áreas: Saúde, Engenharia e Sociais. As imagens são utilizadas nos artigos de Engenharias e Sociais; nesta, a figura é usada como uma forma de introduzir o artigo. Já no caso das Engenharias, as figuras surgem em diálogo com o discurso corrente do artigo, como forma de ilustrar o que é dito, e fazem do

texto uma legenda descritiva para o que é discutido, diferentemente da área de Sociais, que não apresenta nenhum vínculo explicativo entre texto e imagem, cabendo ao leitor realizar inferências.

Além de imagens, são utilizadas tabelas na apresentação dos resultados das pesquisas, especificamente no caso dos estudos experimentais de Engenharia e Saúde, que se configuram como uma característica própria das áreas. De acordo com Brait (2013, p. 60), o emprego de recursos visuais não é simples ilustração, uma vez que “[...] elas participam da construção do conhecimento que está sendo exposto, no diálogo constitutivo com o verbal.”

Ao considerar que há uma dimensão verbo-visual imprescindível para a compreensão dos artigos analisados, ela pode ser entendida como um momento da organização do material verbo-visual na construção composicional e, também, como materialização do projeto discursivo dos autores. Isso ocorre, pois os recursos verbais e não verbais não se referem apenas ao aspecto composicional do gênero, mas sim ao projeto discursivo das áreas, escapando a “transparência do estritamente linguístico” (CORRÊA, 2013b, p. 11).

Conclusão

Este texto objetivou analisar artigos científicos das diferentes áreas do conhecimento – Ciências Humanas, Ciências Exatas e da Terra, Ciências da Saúde, Ciências Sociais, Engenharias, Linguística, Letras e Artes, a partir dos elementos que constituem os gêneros.

A análise dos artigos possibilitou constatar que, apesar de o discurso acadêmico-científico tender à objetividade, tendo em vista os recursos principalmente linguísticos para isso, há evidências de subjetividade em todas as áreas, pois todo enunciado é constituído pelo dialogismo entre o subjetivo e o objetivo. O que acontece, no âmbito da escrita, é que algumas áreas podem apresentar maiores nuances de subjetividade, enquanto as outras insistem na pretensa objetividade do discurso científico e buscam a imparcialidade (isenção de toda a subjetividade). As regularidades enunciativo-discursivas, principalmente nos níveis composicional e estilístico dos textos, considerando também a temática, possibilitaram tratar da objetividade e da subjetividade da escrita como modos de caracterizar as áreas, aproximando-as, segundo aspectos como organização dos textos e escolhas linguísticas, e diferenciando-as, segundo aspectos como escolha temática, variação no número de autores, emprego da linguagem verbal e não verbal etc.

Os resultados das análises dos artigos apontam para a necessidade de pensar a escrita dos artigos de acordo com as áreas de conhecimento de modo a singularizá-las, apesar da existência daquilo que é estável nos textos. Isso possibilitaria evidenciar ao sujeito-pesquisador, além de normas do âmbito linguístico, aspectos que caracterizam sua área de conhecimento, e que, muitas vezes, permanecem ocultos ao escritor e que influenciam diretamente na produção escrita.

FUZA, A. Objectivism/subjectivism in scientific articles of different areas: the heterogeneity of academic writing. *Alfa*, São Paulo, v.61, n.3, p.545-573, 2017.

- *ABSTRACT: The existence of the discourse that postulates the homogenization of scientific and academic writing in the process of constitution of text is the issue that triggered this research. In this sense, this study aims to analyze Brazilian scientific articles A1 of different areas of knowledge through elements that constitute the genres, theme, compositional form and style delimiting the aspects that tend to objectivism and subjectivism in texts. The work is guided in dialogic assumptions of Bakhtin's Circle, concerning gender, objectivism and subjectivism and research developed according to the principles of New Studies of Literacy. The results show that: a) every utterance consists of subjective and objective elements; b) the aspects that show objectivity and subjectivity are predominantly marked in the compositional form (and architectural form) and in the style of the text, in dialogue with the theme; c) the articles of the different areas resemble, when dealing with elements that tend to objectivity, as compositional form and language resources; d) the articles differ when they present aspects that, although they are in the verbal materiality, find meaning in the extraverbal context, passing subjectivity as a thematic choice; variation in the number of authors in the text etc.; e) the existence of objectivity and subjectivity nuances allows the characterization of writing in these areas in a heterogeneous way.*
- *KEYWORDS: Objectivism. Subjectivism. Academic writing. Scientific article.*

REFERÊNCIAS

AMORIM, M. **O pesquisador e seu outro**: Bakhtin nas ciências humanas. São Paulo: Musa, 2004.

BAKHTIN, M. M. Os gêneros do discurso. In: BAKHTIN, M. M. **Estética da criação verbal**. Tradução do russo por Paulo Bezerra. 4.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003. p. 261-306.

BAKHTIN, M. M. **Problemas da poética de Dostoiévski**. Tradução de Paulo Bezerra. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

BAKHTIN, M. M. **Para uma filosofia do ato**. Tradução de Carlos Alberto Faraco e Cristóvão Tezza da edição americana *Toward a philosophy of the act*. Austin: University of Texas press, 1993. [Tradução destinada exclusivamente para uso didático e acadêmico].

BAKHTIN, M. M.; VOLOCHINOV, V. N. **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Tradução do francês por Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 9. ed. São Paulo: Hucitec, 1992.

BAKHTIN, M. M.; VOLOSHINOV, V. N. Les frontières entre poétique et linguistique. In.: TODOROV, T. **Mikhail Bakhtine**: le principe dialogique. Paris: Seuil, 1981. p. 243-285.

BUSCH-LAUER, I. Non-verbal elements and data commentary in English medical texts. In: FORTANET, I. et al. (Ed.). **Genres studies in English for academic purposes**. Castelló: Publicacions de la Universitat Jaume I, 1998. p. 109-132.

BOCH, F. Former les doctorants à l'écriture de la thèse em exploitant les études descriptives de l'écrit scientifique. **Linguagem em (Dis)curso**, Tubarão-SC, v. 13, p. 543-568, set./dez. 2013.

BRAIT, B. Olhar e ler: verbo-visualidade em perspectiva dialógica. **Bakhtiniana**, São Paulo, v. 8, n. 2, p. 43-66, jul./dez. 2013.

BRAIT, B. Construção coletiva da perspectiva dialógica: história e alcance teórico-metodológico. In: FÍGARO, R. (Org.). **Comunicação e análise do discurso**. São Paulo: Contexto, 2012. v. 1. p. 79-98.

CEREJA, W. Significação e tema. In: BRAIT, B. (Org.). **Bakhtin**: conceitos-chave. São Paulo: Contexto, 2005. p. 201-220.

CORACINI, M. J. O cientista e a noção de sujeito na linguística: expressão de liberdade ou submissão? In: ARROYO, R. (Org.). **O signo desconstruído**: implicações para a tradução, a leitura e o ensino. Campinas-SP: Pontes, 1992. p.19-24.

CORACINI, M. J. **Um fazer persuasivo**: o discurso subjetivo da ciência. São Paulo: EDUC ; Campinas-SP: Pontes, 1991.

CORRÊA, M. L. G. **Estudos linguísticos e ensino**. 2013. Mesa redonda proferida pelo professor Dr. Manoel Luis Gonçalves Corrêa ao 4º Congresso Nacional de Linguagens em Interação. Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2013a.

CORRÊA, M. L. G. Bases teóricas para o ensino da escrita. **Linguagem em (Dis)curso**, Tubarão- SC, v. 3, p. 481-513, set./dez. 2013b.

CORRÊA, M. L. G. As perspectivas etnográfica e discursiva no ensino da escrita: o exemplo de textos de pré-universitários. **Revista da ABRALIN**, Maceió, n. esp., p. 333-356, 2011. Disponível em: <<http://www.abralin.org/site/data/uploads/revistas/2011-vol-especial-2o-parte/manoel-luiz-goncalves-correa.pdf>>. Acesso em: 06 jun. 2013.

CORRÊA, M. L. G. Heterogeneidade da escrita: a novidade da adequação e a experiência do acontecimento. **Filologia e Linguística Portuguesa**, São Paulo, n. 8, p. 296-286, 2006.

CORRÊA, M. L. G. **O modo heterogêneo de constituição da escrita**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

CORTES, G. R. O. Dialogismo e alteridade no discurso científico. **Eutomia**, [S.l.], Ano II, n.2, p.1-11, dez. 2009. Disponível em: <www.revistaeutomia.com.br/.../Dialogismo_e_Alteridade_no_Discurso>. Acesso em: 10 jun. 2014.

FARACO, C. A. **Linguagem & diálogo**: as idéias linguísticas do círculo de Bakhtin. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

FUNDAÇÃO DE AMPARO À PESQUISA DO ESTADO DE SÃO PAULO [FAPESP]. **Documentos de interesse relacionados com Boas Práticas na Pesquisa Científica**. São Paulo, 2012. Disponível em: <<http://www.fapesp.br/6574>>. Acesso em: 10 ago. 2013.

FUZA, A. F. **A constituição dos discursos escritos em práticas de letramento acadêmico-científicas**. 2015. 368 f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, 2015.

GOULART, C. Letramento e modos de ser letrado: discutindo a base teórico-metodológica do estudo. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 33, p. 450-460, set./dez. 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v11n33/a06v1133.pdf>>. Acesso em: 10 set. 2013.

HEMAIS, B. The discourse of research and practice in marketing journals. **English for Specific Purposes**, [S.l.], v. 20, n. 1, p. 39-59, 2001.

JOHNS, A. The visual and the verbal: a case study in macroeconomics. **English for Specific Purposes**, [S.l.], v. 17, n. 2, p. 183-197, 1998.

LEA, M. R.; STREET, B. O modelo de “letramentos acadêmicos”: teoria e aplicações. Tradução de Fabiana Komesu e Adriana Fischer. **Filologia e Linguística Portuguesa**, São Paulo, v. 16, n. 2, p. 477-493, jul./dez. 2014.

LEMKE, J. Multiplying meaning: visual and verbal semiotics in scientific text. In: MARTIN, J. R.; VEEL, R. **Reading science**: critical and functional perspectives on discourses of science. London: Routledge, 1998. p. 87-113.

LILLIS, T. Whose ‘common sense’? essayist literacy and the institutional practice of mystery. In: JONES, C.; TURNER, J.; STREET, B. (Org.). **Students writing in the university**: cultural and epistemological issues. Amsterdam: John Benjamins, 1999. p. 127-140.

LUUKKONEN, T.; PERSSON, O.; SIVERTSEN, G. Understanding patterns of international scientific collaboration. **Science, Technology & Human Values**, Thousand Oaks, v. 17, n. 1, p.101-126, Winter 1992. Disponível em: <<http://www.jstor.org/discover/10.2307/689852?uid=2&uid=4&sid=21104256973951>>. Acesso em: 10 jun. 2014.

LYONS, J. **Semantics**. Cambridge: CUP, 1977. v.1.

MILLER, T. Visual persuasion: a comparison of visuals in academic texts and the popular press. **English for Specific Purposes**, [S.l.], v. 17, n. 1, p. 29-46, 1998.

MIRANDA, F. D. S. S. Interseções entre novos modelos de apresentação de artigos científicos e letramentos acadêmicos. **Travessias Interativas**, Ribeirão Preto, v. XI, p. 1-13, 2016. Disponível em: <http://travessiasinterativas.com.br/_notes/vol11/flavia.pdf>. Acesso em: 10 jun. 2014.

NASCIMENTO, R. G. do. **A interface entre texto verbal e texto não-verbal no artigo acadêmico de engenharia elétrica**. 2002. 127 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2002.

OHUSCHI, M. C. G. **Ressignificação de saberes na formação continuada: a responsividade docente no estudo das marcas linguístico-enunciativas dos gêneros notícia e reportagem**. 2013. 296 f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2013.

PALMER, F. R. **Mood and modality**. Cambridge: Cambridge University Press, 1986.

PALMER, J. C.; POSTEGUILLO, S. Graphical input in linguistics research articles. In: FORTANET, I. et al. (Ed.). **Genres studies in English for academic purposes**. Castelló: Publicacions de la Universitat Jaume I, 1998. p. 253-267.

PASQUOTTE-VIEIRA, E. A. **Letramentos acadêmicos: (re)significações e (re) posicionamentos de sujeitos discursivos**. 2014. 262 f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, 2014.

RODRIGUES, R. J. R. Marcas da subjetividade no gênero discursivo didático – científico. **Revista Eletrônica Letra Magna**, [S.l.], Ano 05, n. 11, p. 1-20, 2009.

RODRIGUES, R. H. **A constituição e o funcionamento do gênero jornalístico: cronotopo e dialogismo**. 2001. 347 f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2001.

SANCHES, K. P. **Relações dialógicas em artigos científicos: análise de um periódico de saúde e segurança do trabalho**. 2009. 299 f. Dissertação (Mestrado em Filologia e Língua Portuguesa) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

SMITH, M. The trend toward multiple authorship in Psychology. **American Psychologist**, Washington, v. 13, n.10, p. 596-599, 1958. Disponível em: <<http://psycnet.apa.org/fulltext/1960-00275-001.pdf>>. Acesso em: 29 maio 2014.

SOBRAL, A. **Do dialogismo ao gênero: as bases do pensamento do círculo de Bakhtin**. Campinas: Mercado de Letras, 2009.

SOUZA, S. J.; ALBUQUERQUE, E. D. P. A pesquisa em ciências humanas: uma leitura bakhtiniana. **Bakhtiniana**, São Paulo, v. 7, n. 2, p. 109-122, jul./dez. 2012. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/bak/v7n2/08.pdf>>. Acesso em: 10 maio 2014.

STREET, B. Dimensões “escondidas” na escrita de artigos acadêmicos. **Perspectiva**, Florianópolis, v. 28, n. 2, 541-567, jul./dez. 2010.

STREET, B. “Hidden” features of academic paper writing. **Working Papers in Educational Linguistics**, [S.l.], v. 24, n. 1, p. 1-17, 2009.

STREET, B. **Literacy in theory and practice**. Cambridge: Cambridge University Press, 1984.

SWALES, J. M.; FEAK, C. B. **Academic writing for graduate students**. Ann Arbor: The University of Michigan Press, 1994.

VOLPATO, G. O método lógico para redação científica. **RECIIS: Revista Eletrônica de Comunicação Informação & Inovação em Saúde**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 1, p. 1-14, jan.-mar. 2015. Disponível em: <http://www.gilsonvolpato.com.br/new/multimedia/artigos/2_6bfbc0fa7d70897e18b1394d48d3c006.pdf>. Acesso em: 12 dez. 2016.

VOLOCHINOV, V. N.; BAKHTIN, M. M. **Discurso na vida e discurso na arte** (sobre poética sociológica). Tradução de Carlos Alberto Faraco e Cristóvão Tezza [para fins didáticos]. [S.l.: s.n], 1976. [Versão da língua inglesa de I. R. Titunik a partir do original russo]. Disponível em: <https://kupdf.com/download/m-bakhtin-discurso-na-vida-discurso-na-arte_59d322b708bbc58a5a6871e3_pdf>. Acesso em: 12 dez. 2016.

Recebido em abril de 2016.

Aceito em dezembro de 2016.

